

FOTOS CLAUDIO VITOR VAZ

# Janelas abertas ao passado

LINCOLN SPADA

DA REDAÇÃO

Affonso Maria Lima Morel, de 80 anos, prontificou-se após muitos anos, em uma manhã de quinta-feira, a descer a Serra e vir a Santos. Voltou para rememorar sua infância e juventude na residência 586 da Avenida Conselheiro Nébias, no Boqueirão.

O antigo casarão de seus pais, erguido em 1929 pelo construtor Luiz La Scala, hoje, se tornou lar da família Souza. E, há oito anos, fachada e telhado são catalogados como patrimônio histórico do município.

De acordo com o relatório do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Santos (Condepasa), o projeto do local foi assinado por Arnoud, em 1928. No Diário Oficial, publicou-se que o imóvel era “um significativo exemplar da arquitetura eclética residencial”, típico das elites cafeeiras.

Um erro grave, na visão de Affonso, que se une à família Souza em sua batalha para reverter judicialmente a classificação – e o tombamento – do imóvel: “Meu pai, José Morel, não era um barão do café”.

## AS PEDRAS DO PASSADO

Na verdade, José Morel viveu sua infância no Ceará. Na juventude, migrou para o Rio Grande do Norte. Lá, trocou alianças com Maria José de Lima, no fim da década de 10. O sustento da esposa e de sua primogênita (Maria do Carmo) vinha do suor como agente da extinta companhia de navegação Lloyd Brasileiro, em Areia Branca.

O seu perfil discreto atraiu a atenção de corruptos da estatal, que desviariam uma grande carga. Mas cometeram um erro: ignoraram sua honestidade. Toda a trama foi denunciada por José à sede da companhia, no Rio de Janeiro. A delação gerou ameaças. E o agente, com a esposa e a filha, iniciou um êxodo de 2.350 quilômetros: mudou-se para Santos, onde já viviam seus irmãos.

Bom de matemática, José foi guarda-livros (equivalente a contador) de uma empresa cafeeira na Cidade, desde 1920. Ao ganhar uma gratificação da firma, comprou um terreno amplo e ergueu pedra sobre pedra o casarão da família – esse mesmo, o da Conselheiro Nébias, hoje tombado por ser da “elite cafeeira”. Lá, em um dos quartos do segundo andar, o bebê Affonso chorou pela primeira vez, em 1932.

## AS PERDAS DO PASSADO

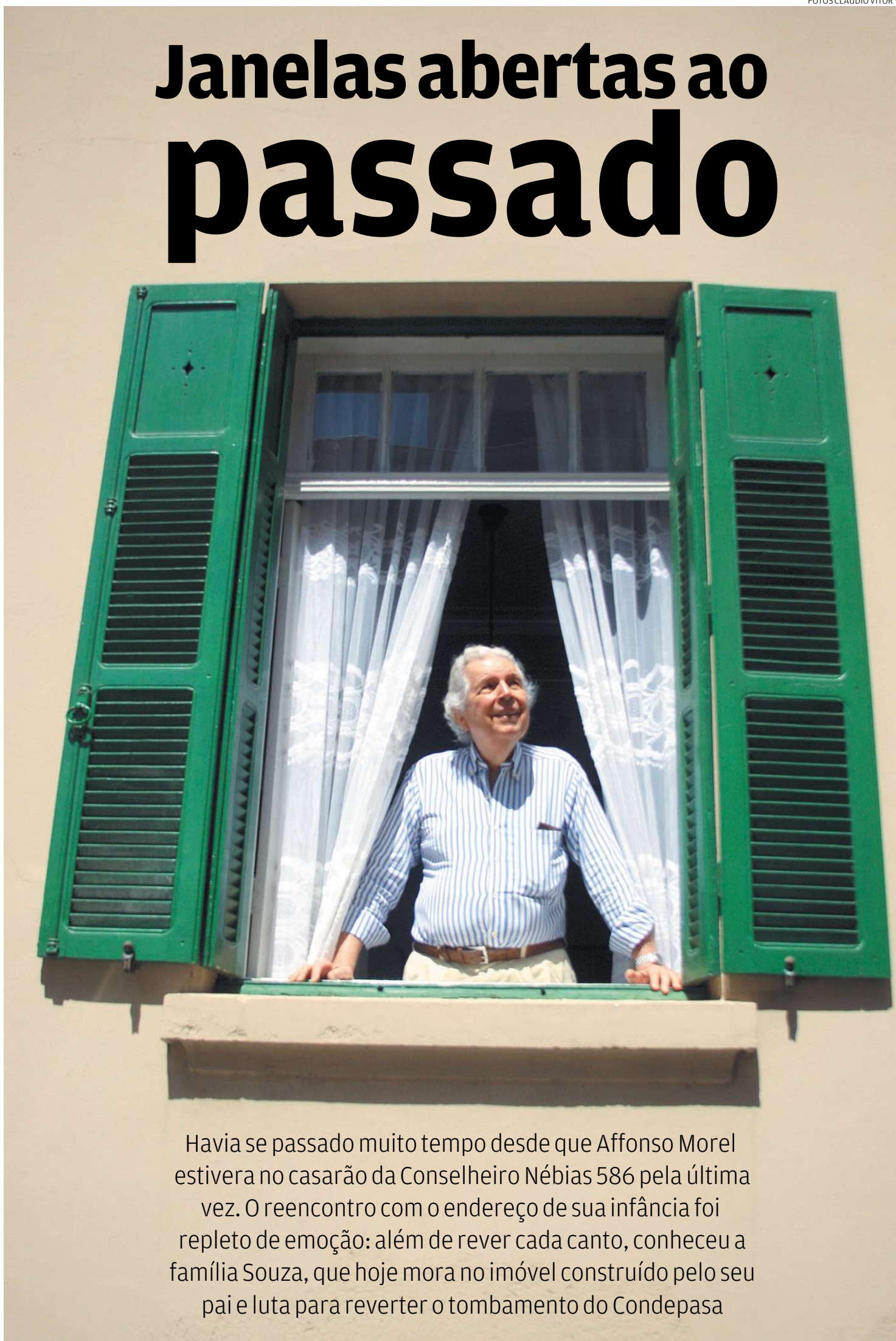
“Não era um casarão. Era uma casa. E era fácil comprar ou construir um imóvel em Santos. Ninguém morava na rua”, relembra Affonso. Claro, o município (na época, estendendo-se até Bertiooga) tinha cerca de 150 mil habitantes.

A memória de Affonso para o imóvel onde nasceu e cresceu é afetiva, não arquitetônica. “O estilo dessa casa não representa a elite da época. Qualquer família de classe média vivia em uma casa assim”, diz. “E de lá – na sacada do segundo andar – dava para ver o Porto”. Visão hoje impossível, com tantos prédios e arranha-céus.

Temporão de quatro irmãos, Affonso brincava sozinho no quintal, atrás da casa. “Eu deitava na rede e lia *As Aventuras de Pedrinho*, de Monteiro Lobato”.

O mesmo sapotizeiro, vindo do Ceará, ainda reina no gramado. No quarto de estudos, riscava os países do mapa-múndi, durante a 2ª Guerra Mundial. Mas seu maior fascínio eram as novelas da Rádio Atlântica, acompanhadas com os pais na saleta, nos finais de tarde.

Muito dos cômodos se alteraram com o passar dos anos: a sala de estar é quarto de hóspedes; a despensa, banheiro; a sala de inverno, cozinha; a garagem, depósito. Corrigindo: a garagem era a sala de costura, segundo Afonso. “Meu pai nunca teve dinheiro para comprar um automóvel”. Pelo menos, são mantidos o assoalho de madeira, a escadaria e alguns lustres octogonais.



Havia se passado muito tempo desde que Affonso Morel estivera no casarão da Conselheiro Nébias 586 pela última vez. O reencontro com o endereço de sua infância foi repleto de emoção: além de rever cada canto, conheceu a família Souza, que hoje mora no imóvel construído pelo seu pai e luta para reverter o tombamento do Condepasa

## No casarão, a guerra, o mar, a vida

Affonso viveu até a maioridade no casarão. Depois disso, vem residindo em apartamentos. A família vendeu a casa em março de 1950, para o sogro do atual dono, João Carlos de Souza.

Apesar da distância no tempo, o lar ainda tem o poder de arrancar boas lembranças da alma de Affonso. Nesse endereço, ele se refugiava em seu quarto escuro durante a Segunda Guerra (1939-1945) – “haviatoque de recolher à noite e o medo de que submarinos alemães atacassem a Cidade” –, enquanto o dirigível Hindenburg cortava os céus de Santos.

Quando criança, acordava às 8 horas e mal conseguia engolir o café da manhã, com medo de perder o bonde 12, que o levava ao então Colégio Santista. Numa época em que as crianças não partilhavam dos diálogos dos pais, caía na cama cedo, por volta das 21 horas.

Tempos em que admirava as árvores chuva-de-ouro da Avenida Conselheiro Nébias enquanto fazia compras, fosse na venda do Seo Joaquim ou na quitanda do Seo Martins.

Divertia-se ao remar com o seu tio nos clubes de regatas espalhados pela orla. Aliás, encantava-se com os palacetes da avenida da praia. Na adolescência, pedalava mais longe com os amigos. Iam aos domingos para as praias desertas de Guarujá, como a do Saco do Major e Cheira Limão.

Ri ao se lembrar das visitas aos eventos do Café Atlântico e de hotéis de Santos, “o segurança era meu algoz. Só queria convidar as moças para dançar”.

Descobriu-se maduro ao ouvir do pai: “Veja bem o que você vai fazer”. Tudo porque moraria em uma república, na Capital, onde cursou Química Industrial. Aposentou-se comerciante, passando por Ribeirão Preto e até 2012 viveu em Ilhabela – hoje, está na Capital. Viúvo, já tem uma filha de 31 anos. Os tempos vão e voltam, se sobrepõem, para, pensa. E arremata: “Sou louco por Santos. Ainda não entendo porque não voltei à nossa Cidade”.

## Destombamento

O processo de destombamento do casarão gera reflexos na condição de vida dos atuais proprietários. A família Souza sofreu assaltos por não poder alterar o muro baixo e também vive de medicamentos para suportar os transtornos físicos e psicológicos – fora os econômicos. Enquanto João de Souza contraiu diabetes emocional, a sua mulher, Edna de Souza, tem síndrome do pânico. Judicialmente, apenas 15 patrimônios no Brasil foram revertidos como bens comuns – caracterizando o destombamento

### NEM A FACHADA É TÃO ORIGINAL

Sim, nem mesmo a fachada é igual à da época, já que o Condepasa tombou o imóvel com as cores atuais: bege com detalhes em branco e verde. Aliás, uma reforma feita nos anos 40 (que obrigou a família Morel a se abrigar em outra casa, na Rua Dagoberto Gagson, no Boqueirão) desconfigurou a residência.

Eis as mudanças: a entrada da casa era na porta lateral, a varanda da frente ganhou portas, janelas se transformaram em vitrões, o terraço do segundo andar virou cozinha, e, por fim, a casa cresceu com a instalação de um ‘puxadinho’ para abrigar a lavanderia.

Talvez por isso tudo, o mesmo relatório do Condepasa que embasou o tombamento, paradoxalmente, descreve que “não devemos classificá-la (a casa) como de alta representatividade na arquitetura eclética, (...) não possui o extenso programa de uso, a monumentalidade, a riqueza de ornamentação e os acabamentos importados pelos grandes palacetes de sua época”.

1) O casarão, cuja fachada foi alterada nos anos 40, 2) Affonso mostra o quarto em que marcava no mapa-múndi os países da 2ª Guerra, 3) O antigo e o novo proprietário, João de Souza. Acima deles, o lustre original

